

---

## A CULTURA DO CUIDADO

---

## EM SAÚDE NA UMBANDA:

---

## REFLEXÕES BASEADAS

---

## NAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL<sup>1\*</sup>

---

DOI 10.18224/frag.v32i4.13046

JULIANA DE LIMA BRANDÃO\*\*  
ANTONIO MARCOS TOSOLI GOMES\*\*\*  
CÉLIA PEREIRA CALDAS\*\*\*\*  
HELENA MARIA SCHERLOWSKI LEAL DAVID\*\*\*\*\*  
LAÉRCIO DELEON DE MELO\*\*\*\*\*

*Resumo: a presente reflexão retrata o conhecimento herdado e produzido nos terreiros de Umbanda, principalmente no contexto da saúde e da doença, à luz da proposta filosófica das Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 17): “o objetivo das epistemologias do Sul é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações”. Para tanto, discute-se a Umbanda e seu processo de constituição; a saúde e a doença segundo a cosmovisão e cosmogonias umbandistas; e as epistemologias do Sul e a Decolonialidade como dimensões ênicas da Umbanda com os Pretos-Velhos. Pretende-se, nesta reflexão, reconhecer esses saberes integrantes das Epistemologias do Sul, em razão destas entidades serem capazes de prover o cuidado psicológico e emocional, ensinar a luta contra a dominação social, resistência e (re)existência diárias.*

Palavras-chave: *Umbanda. Epistemologias do Sul. Cuidado em Saúde. Conhecimento. Cultura.*

---

\* Recebido em: 21.12.2022. Aprovado em: 30.12.2022.

\*\* Doutoranda e Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Bacharel e licenciada em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense. *E-mail:* julianabrandao20@yahoo.com.br

\*\*\* Doutor em Enfermagem. Professor Titular do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica e do programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *E-mail:* mtosoli@gmail.com

\*\*\*\* Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutora em Gerontologia pela Universidade de Jönköping, Suécia, e pela Universidade Federal de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *E-mail:* celpcaldas@hotmail.com

\*\*\*\*\* Doutora em Enfermagem pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Pós-Doutora pela University of Alberta, Canadá. Professora Titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *E-mail:* helenalealdavid@gmail.com

\*\*\*\*\* Doutor em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *E-mail:* laerciodeleondl@gmail.com

**A** Umbanda é uma religião brasileira, que tem sua fundação e origem ancoradas em fatos ocorridos em meados do séc. XX, cujo impacto histórico, cultural e social é de grande relevância. Eventos como a abolição da escravatura, a urbanização, a Proclamação da República e o fim da escravidão formam o enredo de construção de suas práticas religiosas (SÁ JUNIOR, 2012). Deste modo, por apresentar origens africanas em sua constituição e levando-se em consideração o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, à Umbanda foi conferido o estereótipo de religião de negros na tentativa de desqualificá-la, o que a faz sofrer com ações de intolerância religiosa e desgaste cultural (NASCIMENTO; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2019).

Etimologicamente, ‘Umbanda’ vem de línguas africanas, *quimbundo* e *Umbundo*, significando “[...] “arte de curandeiro”, “ciência médica” e “medicina”” (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 19). Desta forma, observa-se que os terreiros de Umbanda são frequentados por pessoas que buscam cuidados em saúde, conhecidos como ‘trabalhos de cura’, dirigidos, principalmente, por Caboclos e Pretos-Velhos (SILVA; SCORSOLINI-COMIN, 2020) e, nestes trabalhos, manipulam-se ervas medicinais, tão importantes na atuação das benzedeiças, rezadeiras e entidades, que ainda são vendidas nas feiras livres de rua até os dias atuais, servindo de comunicação entre o sagrado, a natureza e o ser humano com a expressão de sua fé (PURIFICAÇÃO; CATARINO; AMORIM, 2019).

Com isso, identificam-se nestes espaços, potências e saberes ancestrais de cuidado em saúde que não correspondem, única e exclusivamente, à ciência médica hegemônica e ao paradigma científico moderno que a sustenta, apesar de conviverem e também valerem-se dela quando necessário, assim como Chêne Neto, Germano e Furtado (2016) apontaram em suas pesquisas nas comunidades tradicionais da Amazônia, destacando o quanto os conhecimentos populares são menosprezados e julgados inferiores. Soma-se a isto, que a manutenção, a apreensão e a difusão de saberes ancestrais oriundos do ‘povo de santo’ e por suas próprias construções e reconstruções de mundo, mesmo estando imersos na hegemonia branca, por si só, funcionam como um modo de insurgência decolonial (REIS NETO, 2021).

Ao lado disto, o que se conhece como Epistemologias do Sul, proposta e sistematizada por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS; MENESES, 2009), funcionam como uma forma de reaver modelos epistemológicos, até então, desqualificados pela ciência moderna. Isso inclui identidades e culturas por muito tempo interpretadas como sem valor, apagadas pelo colonialismo que impôs uma tradição hegemônica cultural e política etnocêntrica para ditar o conhecimento, as práticas sociais e a percepção de vida (GOMES, 2012).

Salienta-se que, de certa forma, ao não corresponderem ao paradigma vigente da ciência moderna, estas epistemologias estão inseridas no que Khun (2018) identifica como ciência extraordinária, em que anomalias e crises são frequentemente enfrentadas pelos cientistas, os quais não conseguem explicações pelos paradigmas existentes, transformando a pesquisa normal em extraordinária e, segundo Santos (2008), concedendo espaço a paradigmas emergentes como consequência da crise enfrentada pelos paradigmas dominantes.

Desta maneira, releva-se este estudo pela compreensão de resgate a modelos de cuidado em saúde presentes na cultura do povo brasileiro, haja vista a sua constituição histórica perpassada pela colonização, escravidão e resistência cultural e religiosa, frente aos desafios vivenciados numa sociedade racista e opressora que ainda perpetua os moldes de vida e violência colonizadores. Ademais, contribui para repensar os paradigmas da ciência moderna como incompatíveis com o estudo de fenômenos religiosos, principalmente no âmbito da saúde, por não disporem de ferramentas, métodos e sistematizações capazes de apreender e revelar sua natureza. Dito isto, objetivou-se refletir sobre o

conhecimento herdado e produzido nos terreiros de Umbanda, principalmente no contexto da saúde e da doença, à luz da proposta filosófica das Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos.

## A UMBANDA E SEU PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO ENQUANTO RELIGIÃO BRASILEIRA

Muitos pesquisadores antropólogos, sociólogos e historiadores se debruçaram sobre a origem da Umbanda, dentre eles, Bastide (1989), Brown (1985), Ortiz (1999), Prandi (2004), Ramos (1934) e outros, tendo como resultados a identificação de heranças afrodiáspóricas em sua conformação. Acrescenta-se a isto, fatos que Bastide (1989) e Ortiz (1999) apontam como eventos que concederam à Umbanda maior visibilidade no Brasil, as mudanças sociais datadas da década de 30, as quais possibilitaram à religião maior organização por meio de processos conhecidos como ‘empretecimento’ e ‘embranquecimento’ das tradições afro-brasileiras. Entende-se que tais processos vieram do sincretismo, característica principal da Umbanda, em que práticas até então mais observadas na parcela branca da sociedade tiveram a inserção de elementos negros, ao passo que, nos próprios cultos trazidos pelos escravos, foram inseridos elementos brancos, como o espiritismo europeu.

Portanto, conforme Valente (1977), o sincretismo religioso presente na Umbanda compreende práticas bantu, indígenas, do teosofismo, do espiritismo e do catolicismo que, reunidas numa só religião, foram declaradas de Umbanda, enquanto religião brasileira. Tal processo é considerado por Ortiz (1999) como fusão religiosa, isto é, uma nova religião é formada através da síntese de constituintes de outras. Neste íterim, Ramos (1934) apregoa ainda, como precursora direta e última influenciadora da Umbanda, a macumba carioca, a qual surgiu a partir de múltiplas manifestações, ou seja, práticas Bantu-Angolesas, principalmente no Nordeste e Sudeste brasileiros, como a Cabula, o Calundu e os Candomblés de Caboclo.

No que concerne à fundação da Umbanda, há um mito fundador difundido, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, atribuído ao médium Zélio Fernandino de Moraes com a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por meio de narrativas de fiéis (BROWN, 1985). Além disso, também é vinculada a tal narrativa que a religião foi fundada por pessoas de classe média no processo de fusão de tradições afro-brasileiras às suas espíritas (SILVA, 2005). Contudo, não se pode comprovar a veracidade de tais narrativas atribuindo à religião um único fundador (BROWN, 1985), ainda mais que a Umbanda de Zélio é reconhecida por suas características de destaque no espiritismo e no catolicismo, alcançando a alcunha de ‘Umbanda branca’.

Por outro lado, independentemente de ter sido o fundador ou não, a defesa da imagem de Zélio de Moraes como fundador da Umbanda ganhou maior força na década de 60 (GIUMBELLI, 2002) e alcançou um patamar capaz de ensejar comemorações em todo o Brasil em 2008, pelo centenário da Umbanda em 15 de novembro (ISAIA, 2015), e a criação da Lei Federal nº 12.644, de 16 de maio de 2012, que institui o Dia Nacional da Umbanda na mesma data (BRASIL, 2012). É mister destacar ainda, a forte ligação da Umbanda com o Rio de Janeiro, o que ensejou o título de patrimônio cultural imaterial pelo Estado, reconhecendo sua participação histórica, social e religiosa e, por isto mesmo, proporcionando o resgate de sua memória (BALDIOTTI; RICHARTZ, 2020).

Nota-se, então, que a Umbanda, no seio da sociedade brasileira, possui sua história intimamente ligada à do próprio país, arrastando até os dias atuais as mazelas deixadas pelo período da escravidão, presentes na vida do povo de terreiro. Vale dizer que, apesar de todo reconhecimento

cultural ser bem-vindo, o que é mais que necessário, imperativo, é a defesa dos saberes milenares carregados por estes povos em atenção às heranças étnico-culturais consequentes do caldeirão cultural que é o próprio Brasil.

No entanto, o que se vê, é o racismo estrutural, o preconceito, a segregação, a violência, a intolerância religiosa sendo naturalizados como expressão da desigualdade social permanente e/ou progressiva, ou seja, o silenciamento destes povos. De acordo com Purificação (2022), esta realidade é consequência da década de 30, chamada de ‘Era Vargas’, em que os terreiros de Umbanda eram vistos como práticas religiosas culturalmente atrasadas, sendo então, perseguidos e o que até hoje é visto, em maior ou menor grau.

Logo se vê, que mais que uma religião, a Umbanda é uma construção de identidade, simbólica, filosófica, cultural, étnica, social, histórica e religiosa, a qual resgata o conhecimento de sociedades plurais, dinâmicas e diversas, no entanto, coexistentes em seus espaços de culto, por meio de manifestações do sagrado, da espiritualidade, que, ao invés de margearem o sujeito, o integram num mundo de formas e interpretações balizadas por epistemologias afrocentradas ao reconhecerem a herança cultural africana, somando-a aos conhecimentos ameríndios indígenas dos povos originários, sem negar, por outro lado, os elementos de outras religiões que se fundiram para dar-lhe corpo.

## A SAÚDE E A DOENÇA SEGUNDO A COSMOVISÃO E COSMOGONIAS UMBANDISTAS

É sabido que os terreiros de Umbanda são espaços terapêuticos de práticas religiosas voltadas, dentre as várias possibilidades, à saúde (GOMES, 2021). Com isso, ao chegar em um terreiro, o consulente passa por uma consulta com uma entidade chamada Preto-Velho, o qual possui, dentre suas características principais, a facilidade de trabalhar a dimensão psicológica e emocional dos fiéis (LAGES, 2019). Ao ouvir as queixas do consulente, o Preto-Velho avalia as questões levantadas e indica o melhor tratamento, segundo seus conhecimentos e práticas (AVERSA, 2021). Aqui aponta-se uma figura importante presente no imaginário do umbandista e que remete diretamente ao período da escravidão.

Desta forma, entende-se que por meio dos Pretos-Velhos e das Pretas-Velhas, a ancestralidade do negro é preservada, através do seu arquétipo, dos seus cantos, dos contos e rezas, configurados como atos de fé (SANTOS; OSANIYI; FERREIRA, 2022). Outrossim, destaca-se o cuidado em saúde através, principalmente, da escuta e dos conselhos ‘dos mais velhos’, cujo foco nem sempre é a saúde física, mas o emocional e o psicológico que podem, a partir daí, reverberar em seus corpos e traduzir-se em cura.

Contudo, é preciso inicialmente, contextualizar o que é a saúde e a doença para esses povos de terreiros, uma vez que, com sua cosmovisão própria, entendem os aspectos da vida de maneira particular e conferem sentido à doença de igual modo. Para tanto, Montero (1985, p. 126) aprofunda a noção religiosa da doença atribuindo à desordem, a qual culmina numa atuação mágico-religiosa:

O processo de mutação que transforma a noção médica de “doença” na noção religiosa de “desordem” termina, pois, numa inversão interessante: por um lado, a noção de “doença espiritual” implica na negação da doença (ou de sua representação) tal como ela é atribuída à esfera de atuação do médico [...]; por outro lado, a própria noção de “doença espiritual” reenvia novamente ao âmbito de atuação médica – já que o corpo sofre as consequências da ação desordenada dos espíritos, ou está irremediavelmente condenado

à doença, em virtude de suas faltas anteriores –, mas inverte as posições iniciais de importância e legitimidade (MONTERO, 1985, p. 126).

Verifica-se, portanto, que a noção de doença não se limita somente à fisicalidade do corpo, uma vez que se apresenta como categoria, incluindo ‘doença espiritual’, além de trazer como possibilidade, a noção de *karma* ao apontar a doença como consequência direta de erros cometidos, possivelmente, em vidas pregressas. Compreender a doença, então, é de suma importância para se compreender os motivos que levaram o sujeito a adoecer e não somente perder saúde como algo que se tem em sua propriedade e a qualquer momento pode ser perdido sem um porquê e mesmo que esse porquê não se desvele claramente.

Ligiéro e Dandara (1998) trazem a questão do *karma*, da reencarnação e do culto aos mortos como oriundos da filosofia bantu, a qual conformou boa parte da religiosidade brasileira por ter sido trazida pelos negros africanos escravizados bantu, que, segundo Barros (2008), vieram em maior número durante todo o período de escravidão.

Com efeito, a noção de saúde e doença é tão importante de ser compreendida sob a ótica da Umbanda, quanto a própria noção de existência que a ela pode ser atrelada. Sendo assim, é oportuno trazer à baila o Cosmograma Bakongo, também conhecido como *Dikenga Dia Kongo* (SANTOS, 2019), donde se expõem vários princípios, ensinamentos e leis, perante uma comunidade Kongo, como forma de cosmognose para a existência (vide Figuras 1 e 2).

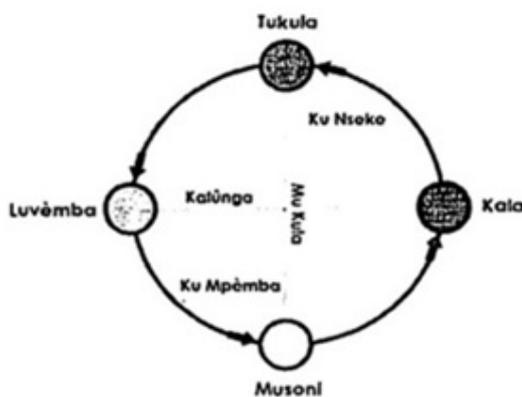


Figura 1. Cosmograma Bakongo simplificado.  
Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2022  
Fonte: Kambon (2017).



Figura 2. Cosmograma Bakongo.  
Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2022  
Fonte: Fenell (2003).

O cosmograma Bakongo nos permite compreender os ciclos de vida à luz da filosofia Bantu (SANTOS, 2019; FU-KIAU, 2001; FENELL, 2003). Segundo Fu-Kiau (2001), *Musoni* é o primeiro estágio, aquele ainda não presente no mundo físico (*Ku Nseke*), portanto não tangível, é a concepção; *Kala* significa ‘ser’, onde torna-se visível, tangível, ontológico; *Tukula*, como o próprio verbo ‘*kula*’ significa crescer, amadurecer; *Luvemba*, morte, onde há desintegração física, saindo de uma dimensão física e entrando numa intangível; *Kalunga* separando o mundo físico do espiritual, significa oceano, portal que separa os dois mundos. Cada etapa possui seus movimentos de expansão e retração, em que passado, presente e futuro têm a mesma importância.

Segundo Santos (2019), as possibilidades de movimentos dentro do cosmograma permitem ao ser humano um caminho de aprendizado, autoconhecimento e autocura, conforme trecho abaixo:

Na base “V-H”, vertical-horizontal [Kitombayulu-Kilukôngolo], o ser humano [mûntu] dispõe de dois planos para o seu movimento. No plano horizontal, ele se pode mover em quatro direções: para frente, para trás, para a esquerda e para a direita. Os movimentos para essas quatro direções são para o aprendizado, ou seja, para se coletarem informações (dados) a serem arquivadas no banco humano, a mente. Mas, graças ao plano vertical, pode-se andar em mais três direções, das quais uma é decisiva para a saúde e para a autocura. O plano vertical permite ao ser humano andar para baixo, para cima, e, para a saúde “perfeita”, verdadeiro autoconhecimento e autocura, permite-lhe que caminhe para dentro (SANTOS, 2019, p. 99).

Percebe-se, então, que o ciclo da vida, de acordo com a cosmologia e cosmogonia bantu, permite movimentos capazes de levar o ser humano a autocura. Sua compreensão de vida, saúde, doença e morte não são estáticas, são dinâmicas no tempo e no espaço, o que pode ser compreendido com igual pertença de conhecimento para os umbandistas pela herança bantu deixada pelos negros que iniciaram as práticas que, hoje, reunidas, conformam a Umbanda ou pelo menos estão em sua base. Isso significa dizer que até mesmo concepção e finitude têm aspectos particulares de entendimento que ressignificam a existência desta comunidade, mediante conhecimentos, em sua maior parcela, afrocentrados e compartilhados, oralmente, de geração em geração.

Dentro deste universo, cumpre citar algumas práticas realizadas na Umbanda, cujo foco é o processo saúde-doença, como o *amaci*, onde de utilizam ervas para banhos e reenergização (CARLESSI, 2017); cirurgias espirituais (GIGLIO-JACQUEMOT, 2006); alguns trabalhos com o Orixá *Omulu*, muito atuante em casos de doença (SALLES, 1991), dentre outros. Acrescenta-se a estes, o *reiki* como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) muito realizado nos terreiros de Umbanda (OLIVEIRA, 2016), assim como a homeopatia (FERREIRA, 1997). Destaca-se, além do que já foi mencionado, uma questão importante trazida por Freitas e Pinto (1972), em que os chefes de terreiros têm a competência de observar e atuar diretamente nestes casos de saúde.

A partir destes exemplos de cuidados religiosos em saúde, o desafio que emerge é o de diálogo entre as ciências da saúde e a religião, de forma a não desqualificar o modo de cuidado de um ou de outro, não reconhecendo domínio, poder, hegemonia de um sobre o outro por reconhecer que ambos podem e devem coexistir, principalmente, por corresponderem às necessidades de cuidados em saúde para quem os busca. Este é o caminho que se comunica com a proposta das Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos, conforme discutido na categoria a seguir.

## AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL E A DECOLONIALIDADE: UM EXEMPLO A PARTIR DIMENSÃO ÊMICA DA UMBANDA NA FIGURA DOS PRETOS-VELHOS

Identifica-se oportuno, apresentar aqui, uma grande coincidência que, de forma alguma, merece apropriações exageradas. Contudo, ao pesquisar a respeito da formação de Boaventura de Sousa Santos, Gomes (2012) descreve seu lugar de nascimento como Coimbra, Portugal, no dia

15 de novembro de 1940. Ou seja, o autor que muito tem contribuído para repensar as lógicas de construção e valoração do conhecimento, concedendo espaço a culturas até então, apagadas, nasceu no mesmo dia em que a Umbanda, teoricamente, foi anunciada pelo mito fundador, o médium Zélio Fernandino de Moraes, segundo Nascimento e Hoffmann-Horochoviski (2019). Coincidência ou não, haja vista a importância para o tema, merece ser pontuado.

Ainda de acordo com a sua formação, o autor é doutor em sociologia do direito, professor em mais de uma faculdade, incluindo as cadeiras de direito e economia, além de outras atribuições de destaque, contando com uma vasta produção acadêmica traduzida para diversas línguas (GOMES, 2012). E, a título de conhecimento, o qual expressa sua relação com o Brasil, Santos (2022) relembra em uma de suas obras, que morou na comunidade do Jacarezinho, Rio de Janeiro (RJ), Brasil, na década de 70, e muito deve aos contatos que lhe deram esteio para em razão do seu trabalho de campo lá, defender seu doutorado na universidade de Yale.

Adentrando em suas obras, em *Um discurso sobre as ciências*, Santos (2008) discute a crise do paradigma epistemológico, assim como a necessidade de emergência de um novo paradigma, postulando quatro princípios para este paradigma emergente: 1) todo o conhecimento científico-natural é científico-social; 2) todo o conhecimento é local e total; 3) todo o conhecimento é autoconhecimento; e 4) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Com isso, o autor aproxima as ciências, critica a hiperespecialização, supera a distinção sujeito/objeto e reabilita o senso comum com todas as suas potencialidades (GOMES, 2012).

Na reflexão sobre outras possíveis epistemologias que não as impostas pela ciência moderna, Santos (2009) resgata outras formas de saber e poder, desprezadas pelas epistemologias dominantes no processo de colonização, e traduzidas como alternativas a elas, como Epistemologias do Sul. Destaca-se, portanto, que se trata de uma “[...] alternativa ao paradigma epistemológico da ciência moderna [...]” por reconhecer que o paradigma vigente se encontra em crise (GOMES, 2012, p. 39). O que se objetiva com tais epistemologias é superar os moldes de pensamento ocidental moderno, também conhecido como pensamento abissal, em que o mundo é dividido em dois polos por uma linha imaginária e simbólica, o norte e o sul, os que estão do lado de cá e os que estão do lado de lá (GOMES, 2012), sendo que, para Santos (2009), este pensamento abissal significa que tudo que existe abaixo da linha que os separa, ou seja, o sul, não existe.

Desta forma, Santos (2009) valoriza o diálogo horizontal entre essas formas de saber e confere a este movimento, o nome de ecologia dos saberes. Portanto, ao reconhecer que os terreiros de Umbanda são espaços com saberes ancestrais, próprios, foco de resistência, porém silenciados pela hegemonia da branquitude, como já discutido anteriormente, pode-se compreendê-los como integrantes destas Epistemologias do Sul defendidas por Santos (2009). E quanto ao silenciamento e apagamento destas culturas e saberes pelas epistemologias dominantes, Santos (2009) denomina ‘epistemicídio’, o que pode ser combatido com o pensamento pós-abissal, aquele que reconhece que qualquer forma de exclusão social leva à perda da diversidade epistemológica do mundo.

Tomando como ponto de partida os conceitos e a proposta filosófica de Santos (2009), bem como as noções adotadas pelos pesquisadores do Programa de Investigações em Modernidade/Colonialidade (ESCOBAR, 2003) e, por último, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020) com o pensamento afrodiaspórico e a decolonialidade, segundo as tradições negras e indígenas, concentremo-nos, deste ponto em diante, na figura de uma entidade muito conhecida na Umbanda e anteriormente citada: os Pretos-velhos, em função de toda a sua importância na luta contra o racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira.

Nota-se que a indumentária utilizada pelos Pretos-Velhos e pelas Pretas-Velhas nos terreiros de Umbanda, em geral, é branca, de tecidos simples, pés descalços, chapéus de palha e rosários nas mãos, imagens que são capazes de transmitir paz e relembrar o período da escravidão. Além disso, eles usam cachimbos, cujas funções ritualísticas servem para a cura mediante a presença do fumo das plantas, o que também pode ser compreendido como uma herança cultural e religiosa indígena (MEDINA, 2020).

Estas imagens perduram por tempos como ensinamentos de vida, ou seja, saberes ancestrais, o que contribui por manter vivo no imaginário deste povo, o enredo que localiza os negros africanos escravizados no Brasil, bem como a tudo que foram submetidos durante a escravidão. Com isso, num movimento, epistemologicamente, decolonial e contra-colonial, estes saberes e práticas, assim como a própria imagem do Preto-Velho na Umbanda, reforçam seu território e descontrolam laços opressores, em face da sua presença ter atravessado (e continuar atravessando) oceanos, terras e tempos, agora com liberdade. Eles mesmos representam a luta contra a dominação social, a opressão e o massacre das minorias, que de minorias, nada tem.

Como bem traduz Maria Bethânia na canção *Yáyá Maseмба*, álbum brasileiro, lançado em 2003: “[...] do ventre escuro de um porão, vou baixar no seu terreiro [...]” (BETHÂNIA, 2020). Este atravessamento, físico, filosófico, espiritual, religioso, cultural, social e étnico, que se pode dizer, uma encruzilhada existencial, brota no chão dos terreiros, no chão do Brasil e, por conseguinte, na vida dos fiéis e/ou na memória do povo. Como aponta Rosa (2021), ao discutir a ancestralidade na diáspora africana, persistem na história os saberes e códigos culturais presentes nas crenças e práticas religiosas destes adeptos, quer seja por meio dos Orixás e entidades que relembram a África constantemente, quer seja pelas suas influências na personalidade e na vida dos ‘filhos de santo’ e nas histórias sobre sua terra natal contadas diretamente pelos Pretos-Velhos.

Nesta esteira, há que se reconhecer que os impactos causados pelo enfrentamento decolonial e pós-colonial que estabelecem a lógica de pensamento, relação social e resistência entre os umbandistas e povos marginalizados socialmente, nada mais são que movimentos criativos, pois não se restringem às reações enérgicas contra a cultura dominante e seus intermediários (ALMEIDA; SANTOS, 2019). As relações raciais eram tão complexas no momento da escravidão no Brasil, que os negros tiveram que criar saídas políticas diversas, prioritárias para que houvesse resistência de sua cultura e aspectos religiosos ao longo do tempo, a exemplo dos elementos bantos (ALVES, 2021).

E neste sentido, a estratégia que os negros africanos escravizados tiveram que adotar para que seu sistema de crenças pudesse ser praticado à época da escravidão foi o sincretismo, o que impediu um completo epistemicídio relativo a todo um povo, uma cultura, saberes milenares e formas diversas de visões de mundo. Onde seus senhores viam os santos e a salvação, eles viam os Orixás e a resistência. De acordo com Cabral (2019), isto é criação, é reinventar-se perante os obstáculos surgidos nos caminhos da vida e que ameaçam, não só sua existência física, mas sua existência histórica.

Para tanto, cumpre dirimir algumas questões acerca dos termos aqui trabalhados para situar o Preto-Velho no movimento decolonial de (re)existência. Segundo Reis e Andrade (2018, p. 3), sobre a decolonialidade, entende-se:

O pensamento decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de pressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira

a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial.

Ao passo que “[...]o pensamento pós-colonial articula-se na perspectiva de demonstrar as dessemelhanças antagônicas existentes entre colonizador e colonizado, denunciando essa discrepância como um projeto de domínio e opressão (REIS; ANDRADE, 2018, p. 3). E mais, “trata-se, por conseguinte, de conceder voz às narrativas oriundas de experiências históricas vivenciadas localmente pelos povos subalternizados na situação colonial” (REIS; ANDRADE, 2018, p. 5). Em outras palavras, os Pretos-Velhos representam a ancestralidade africana que foi oprimida, calada, desconstruída e aviltada em solo brasileiro com a escravidão.

O fluxo natural que se seguiu com a escravização dos povos negros africanos engendrou o que se pode chamar de eurocentrismo colonial, o qual impôs uma epistemologia baseada na divisão e qualificação dos seres humanos em raças, tendo os povos europeus lugar de destaque, ao passo que os demais (não europeus) foram desqualificados e atropelados pela cultura europeia (REIS; ANDRADE, 2018, p. 5). Este é um processo que, apesar dos esforços de luta decolonial muito observados nas religiões de matriz afro-brasileira, ainda se perpetua e se mantém na memória social do povo brasileiro, abrindo espaço para a intolerância sustentada pelo racismo estrutural.

Em conjunto, a prática capitalista reforça a lógica étnico-racial e confere esteio ao paradigma da colonialidade do poder, a qual classifica socialmente o povo em função do controle cultural e da dominação dos povos subalternizados em consequência do colonialismo. Por si só, as demandas que funcionam como obstáculos à descolonização intelectual ainda se dão em decorrência dos fragmentos internalizados pelo colonialismo nas culturas destes povos colonizados (REIS; ANDRADE, 2018, p. 5). O negro, então, incorpora valores europeus e a subserviência que lhe foi imposta pela sociedade dominante, fato que os Pretos-Velhos parecem resgatar em um movimento contrário (decolonial) de libertação de seus fiéis, através da ancestralidade defendida nos terreiros.

Dito isto, entende-se que o a Sociologia trabalha no sentido de desconstruir matrizes teóricas que embasam o aporte sociológico clássico ocidental. Por meio do colonialismo interno e dos esforços decoloniais de estudo, há a produção de elucubrações de impacto capazes de fomentar teses importantes aos movimentos étnicos e sociais que adentram a história com lutas, resistências e mecanismos emancipatórios na América Latina (BRAGANÇA, 2020). Por isto, a necessidade de levar as giras de Umbanda para ‘dentro da academia’, compartilhando os saberes ancestrais e concedendo-lhes o espaço epistemológico e ontológico capazes de auxiliar na luta em defesa dos direitos do povo negro.

Em síntese, a ressignificação das narrativas oficiais e coletivas pela lente das comunidades de axé objetiva refletir sobre a libertação e a abolição da escravatura, haja vista o sofrimento que o povo negro até hoje passa com a violência policial, o racismo e a precariedade das condições de vida que se tem. Com isso, os (as) Pretos-Velhos (as) são apreendidos como espíritos de pessoas que vivenciaram e testemunharam as atrocidades cometidas contra os negros pela escravidão na diáspora negra e nas Américas, que viveram e transcenderam as piores condições existenciais e que, desta forma, conduzem seu povo à cura e à libertação. Integram também o rol das entidades mais presentes nos terreiros de Umbanda e alguns de Candomblé, diretamente vinculados à África e ao passado brasileiro escravagista. Sua sabedoria é sacralizada por compreender que, mediante todo sofrimento e as baixas perspectivas de vida possíveis para os escravizados, a velhice significa a vitória na vida, logo, uma entidade com grande experiência e saberes espirituais (FRANÇA, 2022).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente reflexão, observou-se que os saberes herdados, elaborados e compartilhados dentro dos terreiros de Umbanda, mediante toda a sua constituição histórica, étnica, social, cultural, filosófica e religiosa, principalmente aquelas relativas às práticas de cuidado religioso em saúde, integram as possibilidades de Epistemologias do Sul, conforme proposta filosófica de Boaventura de Sousa Santos. Uma vez que os povos de terreiros fazem parte das ditas ‘minorias sociais’, silenciadas pela hegemonia da branquitude e que sofrem com o racismo estrutural, o preconceito e a intolerância religiosa e, ainda assim, resistem ao tempo e as sucessivas tentativas de apagamento, sua existência pode ser interpretada como uma forma de insurgência decolonial. Ainda mais sendo reconhecidos pela mesma sociedade como espaços de possibilidades terapêuticas.

Soma-se a isto, que pela ótica da decolonialidade, a existência do Preto-Velho, bem como o modo como os fiéis e simpatizantes da Umbanda o reconhecem e interagem com ele e com seus cuidados psicológicos e emocionais, demonstra haver um resgate de saber ancestral. Ademais, também resta a conclusão, metafórica ou não, de que sua presença na Umbanda significa a luta contra a dominação social, os meios de opressão, subjugação, segregação, racismo e preconceitos, tão enraizados na sociedade, em função das marcas que permanecem vivas, deixadas pelos quase quatro séculos de escravidão no Brasil. Ou seja, Preto-Velho é amor para os umbandistas, e amor também é resistência e (re)existência nas lutas diárias.

## THE CULTURE OF HEALTH CARE IN UMBANDA: REFLECTIONS BASED ON SOUTH EPISTEMOLOGIES

*Abstract: the present reflection portrays the knowledge inherited and produced in the Umbanda terreiros, mainly in the context of health and illness, in the light of the philosophical proposal of Epistemologies of the South, by Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 17): “the objective of the epistemologies of the South is to allow oppressed social groups to represent the world as their own and on their own terms, for only in this way will they be able to transform it according to their own aspirations”. For that, Umbanda and its constitution process are discussed; health and disease according to the Umbanda cosmovision and cosmogonies; and the epistemologies of the South and Decoloniality as emic dimensions of Umbanda with Pretos-Velhos. It is intended, in this reflection, to recognize this knowledge that is part of the Epistemologies of the South, because these entities are capable of providing psychological and emotional care, teaching the fight against social domination, resistance and daily (re)existence.*

*Keywords: Umbanda. Epistemologies of the South. Health Care. Knowledge. Culture.*

### Nota

1 Este estudo integra as atividades da disciplina “Filosofia da Ciência e Método Científico em Saúde e Enfermagem”, do Programa de Doutorado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

### Referências

ALMEIDA, Arthur Henrique Nogueira; SANTOS, Guaraci Maximiano. Vó Cecília e o Centro Espírita São Sebastião: resistências, caminhos e criatividade em um terreiro de matriz bantu. *Revista Eletrônica Interações Sociais - REIS*, Rio Grande, v. 3, n. 1, p. 72-90, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9160>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ALVES, Yara de Cássia. Recomposições do passado: Memórias e histórias da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Minas Novas - MG. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 03, p. 127-144, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n-3cap05>. Acesso em: 15 nov. 2022.

AVERSA, Victor Pereira. O “ser-no-mundo” e os “utensílios devocionais”: uma análise material do “cruzamento” de amuletos pelos “pretos velhos” na umbanda a partir da fenomenologia heideggeriana. *Identidade!*, São Leopoldo, [S. l.], v. 26, n. 1 e 2, p. 264-276, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1206>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BALDIOTTI, Gracielle Rafaela Campos; RICHARTZ, Terezinha. Da fronteira da invisibilidade para o discurso da legalidade: a Umbanda como patrimônio cultural de natureza imaterial. *RELA-Cult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, Foz do Iguaçu, [S. l.]; v. 6, n. 3, p. 14, set./dez. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.23899/relacult.v6i3.2013\\_](https://doi.org/10.23899/relacult.v6i3.2013_) Acesso em: 15 nov. 2022.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial da Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BARROS, Sulivan Charles. Religiosidade e resistência no Brasil: do encontro das religiões africanas à formação da Umbanda. In: SANTANDER, Carlos Ugo; ÁVILA, Carlos Dominguez; DUARTE, Aldira Guimarães. *Estudos sobre Direitos Humanos, Sociedade e Democracia*. São Paulo: UNIEURO, 2008. p.143-178.

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas Nn Brasil*. Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1989.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BRAGANÇA, PHPL. Decolonialidade & Sociologia na América Latina. PRACS: *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 13, n. 2, p. 541-546, 2020. Disponível em: <https://www.sciencegate.app/document/10.18468/pracs.2020v13n2.p541-546>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BETHÂNIA, Maria. *Yayá Massemba*. Universal Music Publishing Brazil: Rio de Janeiro, 2003. Youtube (4'17"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j3MLNFPGEpw>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRASIL. *Lei nº 12.644, de 16 de maio de 2012*. Institui o Dia Nacional da Umbanda. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 191, p. 1, 17 mai. 2012.

BROWN, Diana Degroat. Uma história da Umbanda no Rio. In: BROWN, Diana Degroat et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: ISER/Marco Zero, 1985. p. 9-42.

CARLESSI, Pedro Crepaldi. Jeitos, sujeitos e afetos: participação das plantas na composição de médiuns umbandistas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 12, n. 3, p. 855-868, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300011>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CABRAL, Alexandre Marques. *Teologia da malandragem: a arte de viver segundo Mestre Malandrinho da Umbanda*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

CHÊNE NETO, Guilherme Bemerguy; GERMANO, José Willington; FURTADO, Lourdes Gonçalves. *O diálogo entre o saber tradicional e o saber médico-científico em uma comunidade tradicional de pescadores no litoral da Amazônia*. Coleciona SUS. VII Simpósio sobre Reforma

- Agrária e Questões Rurais. 2016. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/arquivos/file/ eventos/2016/vii-simposio-reforma-agraria-questoes-rurais/sessao4/dialogo-saber-tradicional-saber-medico-cientifico.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.
- ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 1, 51-86, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600104>. Acesso em: 20 dez 2022.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Entre a Ciência e a Cultura: o caso da Homeopatia Brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1/2, p. 176-178, 1997. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/1997.v2n1-2/176-178/pt>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- FENELL, Christopher C. “Group Identity, Individual Creativity, and Symbolic Generation in a BaKongo Diaspora”. *International Journal of Historical Archaeology*, New York, v. 7, n. 1, p. 1-31, mar. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20853014>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- FRANÇA, Bianca Zacarias. Belo Horizonte negra: a experiência das Festas de Preto Velho e Iemanjá como pedagogia antirracista no espaço público da cidade. *Revista Sociologias Plurais*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 46-69, jan. 2022. Disponível em: [https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/84498/45733\\_](https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/84498/45733_) Acesso em: 14 nov. 2022.
- FREITAS, Byron Tôrres de; PINTO, Tancredo da Silva. *Guia e ritual para organização de terreiros de umbanda*. Rio de Janeiro: Eco, 1972.
- FU-KIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki. *African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press, 2001.
- GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves. *Memória afro-brasileira 1: caminhos da alma*. São Paulo: Selo Negro, 2002. p. 178-202.
- GIGLIO-JACQUEMOT, Armelle. Médicos do astral e médicos da terra: as relações da umbanda com a biomedicina. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 11, n. 2, p. 83-98, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2006v11n2p83>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli. The Umbanda Terreiro As A Care Space: Some Reflections. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 35, n. e45202, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.18471/rbe.v35.45202\\_](https://doi.org/10.18471/rbe.v35.45202_) Acesso em: 15 nov. 2022.
- GOMES, Fulvio de Moraes. As Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos: por um resgate do Sul global. *Revista Páginas de Filosofia*, São Bernardo do Campo, v. 4, n. 2, p. 39-54, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v4n2p39-54>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda como projeto de nomeação da realidade brasileira. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 7, p. 115-129, jan./abr. 2015. Disponível: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v7i21.26580>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- KAMBON, Obádélé. Akan Ananse Stories, Yorùbá Ìjápá Tales, and the Dikènga Theory: World-view and Structure. *Contemporary Journal of African Studies*, Legon, v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: [10.4314/contjas.v4i2.1](https://doi.org/10.4314/contjas.v4i2.1). Acesso em: 15 nov. 2022.
- KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2018.
- LAGES, Sonia Regina Corrêa. Preto velho, memória, juventude umbandista. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 57-65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2236-6296.2019.v22.29601>. Acesso em: 15 nov. 2022.

- LIGIÉRO, Zeca; DANDARA. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 1998.
- MEDINA, Isis Saraiva Leão. "*Sou da linha de Umbanda*": a simbologia presente na indumentária de Preto Velho e Exu no ritual de Umbanda. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski do; HOFFMANN-HOROCHOVISK, Marisete Terezinha. "Avante filhos de fé: a Umbanda em seus espaços sagrados e simbólicos. *In*: CAMARGO, Hertz Wendel de. *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019. p. 278-193.
- OLIVEIRA, Amurabi. "É Tudo Energia" - A Nova Era e a Umbanda em diálogo. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 92-107, 2016. Disponível em: [10.21724/rever.v16i2.29387](https://doi.org/10.21724/rever.v16i2.29387). Acesso em: 12 nov. 2022.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas. *Id on Line. Revista de Psicologia*, Jabotão dos Guararapes, v. 16, n. 59, p. 100-106, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/online.v16i59.3377>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; AMORIM, Ivonete Barreto de. As ervas medicinais na Umbanda nos cultos de Preto Velho. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 29, n. 4, p. 746-756, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v29i4.7741>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psycanalyse*. Rio de Janeiro: Imprensa Paulista, 1934.
- REIS NETO, João Augusto dos. Terreiro e produção de epistemologias decoloniais: narrativas de um pesquisador-filho de santo. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 98-127, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2021.56453>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- REIS, Maurício de Novaes; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 17, n. 202, p. 01-11, mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- ROSA, Estefania Jaékel da. As "Pretas Feiticeiras" na perspectiva da Arqueologia da Diáspora Africana. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, São Leopoldo, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 54-78, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/848>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 6, n. 11, p. 1-14, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1892/1055>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- SALLES, Nívio Ramos. *Rituais negros e caboclos: da origem da crença e da prática do candomblé, pajelança, catimbó, tore, umbanda, jurema e outros*. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das Epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SANTOS, Ana Caroline da Silva; OSANIIYI, Alexandre; FERREIRA, Lidyane Maria. Pretos velhos e gramílleros, mamãs viejas e pretas velhas: Resignificando o ensino de língua estrangeira–espanhol. *Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama*, Eunápolis, v. 11, n. 1, p. 216-230, 2020. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo3315423-pretos-velhos-e-gramilleros-mamas-viejas-e-pretas-velhas-ressignificando-o-ensino-de-l%C3%ADngua-estrangeira-%E2%80%93-espanhol](https://redib.org/Record/oai_articulo3315423-pretos-velhos-e-gramilleros-mamas-viejas-e-pretas-velhas-ressignificando-o-ensino-de-l%C3%ADngua-estrangeira-%E2%80%93-espanhol). Acesso em: 14 nov. 2022.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVA, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A umbanda e os processos de saúde-doença. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 41, n. 2, p. 215-228, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2020v41n2p215>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.